

# **A IMPORTÂNCIA DAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS NA SOCIEDADE CAPITALISTA COM BASE NO BRASIL**

Wires Alves dos Anjos<sup>1</sup>

## **RESUMO**

Este trabalho busca apresentar ao longo de suas páginas a dupla importância que as Micro e Pequenas Empresas têm no Capitalismo, sendo que o foco recairá no capitalismo brasileiro. Com o intuito de cobrir o que está sendo proposto, serão usados dados e um referencial teórico que busca explicar esse assunto de uma forma que não condiz com a teoria econômica convencional.

**Palavras-chave:** Microempresa, Pequena Empresa, Grande Empresa, dinâmica do mercado, existência.

---

<sup>1</sup> Estudante de graduação do curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e participante do Programa de Educação Tutorial (PET). E-mail: wiresalves.alves@gmail.com.

## 1. INTRODUÇÃO

O estudo da dinâmica econômica se faz de grande importância para entender alguns fenômenos presentes na sociedade. A partir dessa premissa, o presente artigo tem como objeto de estudo uma parcela da estrutura econômica presente na sociedade que aparenta ser pequena, mas que cada vez mais ocupa um lugar de destaque no cenário econômico: as Micro e Pequenas Empresas (MPE's).

O objetivo geral está pautado em evidenciar a importância que as Micro e Pequenas empresas têm em uma sociedade capitalista, que como veremos no decorrer da leitura, trata-se de uma dupla relevância. Será baseando-se principalmente na sociedade brasileira que buscaremos o alcance dessa meta.

Visto que essas formas de empreendimento têm grande e crescente participação na produção de países subdesenvolvidos, como é o caso do Brasil, e que ainda muitas dúvidas rondam em volta desse assunto, se faz necessário a elaboração de um trabalho direcionado para o contemplar desses dois fatos.

Tendo conhecimento que a dinâmica econômica é regimentada pelos grandes capitais, se torna relevante trazer à tona argumentos a respeito da introdução e da permanência de uma quantidade considerável de MPE's em uma estrutura de mercado mundial que se caracteriza por competições muitas vezes predatórias entre as empresas, em que nos levaria a pensar que somente os sobreviventes dessas disputas teriam espaço no mercado. Com isso, é observável que há algo por detrás dessa relação envolvendo pequenos e grandes capitais e, buscar desvendar esse enigma se torna um dos objetivos desse trabalho.

O embasamento teórico do estudo será dado pela corrente heterodoxa econômica voltada a estudar as estruturas, os mercados, as empresas e a interação entre elas. Sendo assim, ele se direcionará no que diz respeito a Organização Industrial, que trata-se de uma corrente que critica o pensamento da microeconomia convencional, ou seja, o pensamento ortodoxo da Ciência Econômica.

A estrutura do artigo está composta por quatro subcapítulos, em que os três primeiros levantarão respectivamente discussões sobre: a definição de Micro e Pequena Empresa em três metodologias diferentes, porém complementares, tendo como consequência, a definição de Média e Grande Empresa; como que se dá o surgimento dessas pequenas estruturas, assim como abordar causas de uma grande quantidade de mortes das MPE's; e demonstrar mediante a tabelas e gráficos a distribuição e contribuição delas na economia brasileira. O quarto subcapítulo vai em busca de responder a uma indagação ainda não muito recorrente: o que explica a permanência das MPE's entre as GE's? Por fim, será feita a conclusão do estudo.

## **2. IMPORTÂNCIA DAS MPE'S E OS MOTIVOS PARA A SUA PERMANÊNCIA ENTRE OS GRANDES EMPREENDIMENTOS**

Primeiramente, os três subcapítulos iniciais do estudo têm como meta postular e explicar alguns dos condicionantes sobre as MPE's que aparecem em evidência na sociedade. A partir disso, estarão presentes aspectos mais voltados para a parte do funcionamento prático desses empreendimentos, que como será visto ao longo do texto, demonstrará o quão importante eles são para a economia do Brasil nos quesitos geração de renda, emprego e desenvolvimento econômico.

### **2.1. O que são MPE's?**

A presença das Micro e Pequenas Empresas na economia brasileira é cada vez maior. O que também se mostra em constante crescimento a respeito desse tipo de empreendimento é a sua importância na geração de emprego e renda. Existem inúmeros fatores que contribuem para o aumento da participação delas, e caberá a partir de agora fazer menção de alguns deles, assim como explicá-los. No entanto, antes mesmo de dar início de fato ao estudo, cabe antes caracterizar o objeto a ser estudado, ou seja, o que seriam MPE's.

O conceito para MPE que é levantado pela Lei que regulamenta esse tipo de empreendimento (Lei Complementar nº 123 de 14 de dezembro de 2006) está inteiramente ligada a questão de rendimentos financeiros que elas podem obter a cada ano. Isso é notório ao nos atentarmos aos incisos I e II do art. 3 da Lei que Institui o Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte:

I - no caso da microempresa, aufera, em cada ano-calendário, receita bruta igual ou inferior a R\$ 360.000,00 (trezentos e sessenta mil reais); e

II - no caso da empresa de pequeno porte, aufera, em cada ano-calendário, receita bruta superior a R\$ 360.000,00 (trezentos e sessenta mil reais) e igual ou inferior a R\$ 3.600.000,00 (três milhões e seiscentos mil reais). (BRASIL. Lei Complementar nº 123, de 14 de dezembro de 2006).

Como podemos perceber, a Lei foca em um único aspecto, deixando de fora importantes fatores que definem MPE. Fatores que estão mais evidenciados nas outras duas definições seguintes.

Outro conceito de MPE existente é o do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). Esse órgão tem uma mentalidade conceitual de MPE direcionada para o número de empregados que as compõem e também o ramo que elas atuam. No caso das Microempresas atuantes no ramo de comércio e serviço elas teriam que empregar até 9 pessoas, no caso de atuarem na indústria ou na construção o número de empregados não pode ultrapassar os 19. Quando o assunto é Pequena Empresa, o número de empregados tem que variar entre 10 a 49 nos ramos de comércio e serviço, e para a área da indústria e construção as pessoas empregadas tem que estar entre 20 a 99.

Há ainda uma conceituação de MPE que faz um comparativo com as Grandes Empresas. O que se compara nessa metodologia é a **estrutura produtiva** de ambas, que por sua vez, tem relação com o que a Lei levanta e a metodologia do Sebrae, mas que deixa um pouco mais claro o que estamos abordando. Fazendo um comparativo das primeiras estruturas com a segunda, citada anteriormente, as primeiras contarão com uma estrutura, em sua maior parte, com uma participação maior de mão-de-obra e menos qualificada, tendo em vista que essas empresas também possuem tecnologia mais atrasada. Por consequência, a remuneração dessa mão-de-obra nas MPE's é mais baixa e as condições de trabalho menos favoráveis, pois em grande parte não obedecem as exigências legais (SOUZA, 1995). Percebe-se que essa forma de definir MPE vai além daquelas que possuem registro de funcionamento.

Não podemos aqui tomar como lei hegemônica que esse padrão seja cem por cento adaptável à todas, argumenta-se isso pois existem Grandes Empresas que não cumprem suas exigências legais, mas nem por isso elas se enquadram como Micro ou Pequenas Empresas.

Antes porém, não podemos deixar passar um outro tipo de empreendimento que intermedeia as MPE's e as GE's, que são as Médias Empresas. Entretanto, como elas não irão interferir no que será discutido no trabalho e nem se tratam do objeto principal, cabe apenas mencionar de forma sucinta como elas são caracterizadas. As Médias Empresas, ou empresa de médio porte estão enquadradas nas estruturas produtivas que possuem entre 50 e 99 funcionários e tem seu faturamento anual variando entre R\$ 16.000.000,00 e R\$ 90.000.000,00.

Distinguido os três tipos de empreendimentos (MPE's, médio porte e GE's), o destaque será voltado para dissertar sobre os aspectos que fazem aumentar a participação dessas na produção da economia brasileira, assim como algumas das causas do grande número de MPE's que deixam o mercado.

Vale destacar que não se busca embasar em apenas uma metodologia de definição de MPE, pois como já levantado antes, elas acabam por se complementarem. Será feito o máximo de esforço para tentar se apropriar de todas as formas metodológicas ao mencioná-las.

## **2.2. Nascimento e morte das MPE's**

A estrutura econômica capitalista é caracterizada, sem dúvidas, não pelas MPE's, mas sim pelos grandes empreendimentos, as chamadas Grandes Empresas, ou simplesmente GE's. É em grande medida graças a dinâmica econômica das Grandes Empresas que temos um grande afloramento das MPE's.

O processo de concorrência que ditam as regras no sistema capitalista é uma das explicações do fenômeno do crescente número dos micro e pequenos empreendimentos. O que caracteriza, mais fortemente a dinâmica das GE's é a busca por maiores lucros, sempre buscando garantir maiores fatias de mercado, controlando cada vez mais o mercado. Porém sempre à procura de conseguir esse objetivo a **custos de produção menores**. Na leitura realizada por Soares (2008, p. 27) de Braudel fica perceptível algumas das afirmações citadas anteriormente: “[...] é no andar de cima que o poder político se encontra com o dinheiro (grandes capitalistas). Aí o ‘fantasma’ da livre concorrência se afasta e os lucros podem superar a média, uma vez que o ‘preço de equilíbrio’ só é de equilíbrio para o capitalista”.

Dito isso, cabe explicar algumas das formas que as Grandes Empresas buscam auferir maiores lucros. Uma delas é reduzindo custos. Primeiro podemos citar a flexibilização tecnológica que é cada vez mais peculiar as GE's conforme o avanço tecnológico se dissipa para esses grandes empreendimentos. De forma resumida, a flexibilidade tecnológica é a capacidade que uma empresa tem em conseguir reduzir os custos, geralmente com o insumo trabalho, com a inserção de novas tecnologias que proporcionam uma maior produtividade dos trabalhadores e/ou até mesmo substituir uma parcela de mão-de-obra. Segundo, podemos destacar a redução da planta empresarial das GE's, perpassando parte da sua produção para outras empresas de menor porte, mediante a contratos de cooperação por exemplo, processo esse chamado de “desverticalização da produção” (essa segunda forma será melhor explicada em um outro momento deste trabalho). Veremos mais adiante como essas duas práticas influem nas MPE's.

Outro ponto importante que devemos aqui fazer menção é sobre o tipo de concorrência que cada um dos dois empreendimentos enfrentam. As GE's são aquelas empresas que podemos dizer que são empresas líderes (uma empresa alcança esse título, se a sua participação no mercado de um produto ou serviço específico for superior ao das outras empresas concorrentes diretas), possuintes de um certo poder de mercado, ou seja, de poder influir nos preços e quantidades. Denominamos esse poder/modelo de mercado de monopolístico. Uma vez que temos esse tipo de estrutura, nos deparamos com aquilo que a caracteriza, a presença de barreiras à entrada e à saída em determinado ramo em que atua uma GE. Quanto mais recursos forem necessários para poder se inserir num mercado, mais barreiras à entrada ele terá. Uma vez já atuante em um determinado ramo, quanto mais difícil for para o empreendedor deixar o setor em que ele atua, mais barreiras à saída ele terá. Vale o destaque que em nosso país, assim como no restante do mundo, o mercado de forma geral é marcado pela presença de monopólios, que além de ter a presença das barreiras à entrada e à saída, também possuem aspectos como pouca informação sobre os mercados, diferenciação dos produtos e, por isso, as empresas podem estipular os seus preços. Diferentemente da estrutura de mercado das

GE's, as MPE's não encontram tantos gargalos para que possam começar a produzir/funcionar ou até mesmo nos momentos que não estiverem obtendo sucesso em seus empreendimentos, podem deixar o mercado sem muitos sacrifícios. A partir disso, a grande parte das Micro e Pequenas Empresas atuam como se estivessem em uma estrutura particular, como se elas estivessem dissociadas do sistema de mercado que está presente na sociedade.

Começamos aqui a perceber algumas das evidências que nos levam ao entendimento do grande número das MPE's e a entrada cada vez maior delas no mercado. Porém há um outro lado nesse assunto que não poderíamos deixar de mencionar e que tem relação com a “peculiar característica concorrencial” que elas estão. Se por um lado a quantidade delas cresce cada vez mais, existe um outro que demonstra uma grande mortalidade das MPE's. Para explicar essa característica, devemos mencionar outro ponto importante, as pessoas que se “aventuram” no ramo empresarial.

Explicando um tipo clássico de empreendedor, aquele que está buscando algum tipo de ocupação, associando esse aspecto a outro já mencionado, a flexibilização tecnológica das GE's, encontramos trabalhadores desempregados e que depois de um certo tempo, sem ocupação ou até mesmo cansado de se submeter ao patronato, resolve encarar o caminho de abrir seu próprio negócio, temos então os primórdios das MPE's. Rezende (apud Soares 2008, p. 48) aborda o assunto do desocupado proveniente da flexibilização tecnologia, levantando que “[...] o crescimento demográfico, associado ‘à racionalização do trabalho que as novas condições técnicas propiciaram, resultaram no desemprego ou na emigração[...]’”. O que acontece é que muitos desses trabalhadores que sofrem com o desemprego proporcionado pela flexibilização tecnológica são aqueles que muitas das vezes não possuem uma qualificação alta, e a volta ao mercado de trabalho se torna cada vez mais difícil. Muitas das vezes agindo por impulso e sem nenhum planejamento, buscam via empreendedorismo uma forma de driblar o desemprego (funcionando como geradora de emprego e absorvedora de mão-de-obra, e que de certa forma contribui para o amortecimento de grandes níveis de desemprego) e é aí que ocorre um dos motivos para a mortalidade desses micro e pequenos empreendimentos ser tão grande assim.

Obviamente que a falta de “perspicácia empresarial” não é o único fator contribuinte para esse fenômeno da grande mortalidade das MPE's e nem é o mais importante. Se retomarmos a uma das definições de MPE feita em parágrafos anteriores, veremos que elas se caracterizam também por contar com uma tecnologia pouco avançada em relação as GE's, fazendo com que muitas das vezes seus custos sejam maiores, e competir nessas condições é um tanto quanto desvantajoso. Apesar de ter defendido que elas estão inseridas em uma “estrutura concorrencial” a parte, o mercado é o mesmo para todos, os consumidores são os mesmos para todos, ou seja, o preço menor prevalecerá para quem consome.

Temos também que uma das maiores contribuições para a alta taxa de mortalidade das MPE's é o financiamento de seus investimentos, partindo muitas vezes de seus próprios recursos. Podemos confirmar isso a partir de Steindl (apud Souza, 1995, p. 27), “As pequenas empresas estariam, portanto, limitadas tanto em relação ao volume de financiamento concedido quanto - o que é mais importante em se tratando da decisão de expansão - ao prazo de amortização dos empréstimos; o acesso ao mercado de capital de longo prazo teria custo proibitivo para pequenas empresas”. Além disso, Souza (1995, p. 27) complementa dizendo:

Isso potencializa os riscos inerentes à decisão de ampliação, fazendo com que muitas vezes boa parte dos investimentos seja financiada com recursos próprios, (normalmente em detrimento do capital de giro). Explica-se assim, em grande parte, a alta taxa de mortalidade no segmento das pequenas empresas.

Contudo, devemos nos lembrar que aqui no nosso país foram desenvolvidos muitas políticas de incentivo ao crédito ao micro e pequeno empreendedor, proporcionando melhores condições para o financiamento dos investimentos para produção. A respeito dessa maior promoção do crédito para os micro e pequenos empreendedores, Cintra (apud Madi e Gonçalves, 2012, p. 32) expõe que

Além dos fundos compulsórios cabe ressaltar a definição de políticas creditícias assentadas no crédito direcionado. Os recursos direcionados correspondem a uma parcela da riqueza centralizada pelos bancos e dirigida para o financiamento de atividades consideradas relevantes para a reprodução social. Nesse sentido, destaca-se o crédito direcionado que depende das exigibilidades sobre os depósitos bancários à vista, com taxas de juros administradas para as microfinanças. Em particular, a Lei nº 10.735/2003 determinou a obrigação de se destinar, no mínimo, 2% dos depósitos à vista para operações de microcrédito, isto é, para empréstimos de até R\$ 500,00 para pessoas físicas e de até R\$ 1 mil para microempresas, com taxas de juros não superiores a 2% ao mês e prazo mínimo de pagamento de quatro meses.

Tem-se ainda que a liberação de microcrédito partindo dos bancos instalados no Brasil, são considerados por eles operações de baixa rentabilidade (Madi e Gonçalves, 2012).

Essa baixa rentabilidade mencionada na disponibilização dos recursos para a manutenção das MPE's se traduz em um baixo interesse dos bancos em disponibilizá-los.

Em suma, na configuração desse mercado de crédito para as MPE's, reproduz-se uma situação heterogênea que representa uma diversificação de instituições, linhas de financiamento e condições contratuais em um cenário caracterizado pela impotente atuação dos bancos públicos e pela implementação de políticas voltadas para a centralização e direcionamento de recursos. Nesta situação, quando avaliadas as dimensões dos fluxos de crédito através do olhar do micro e pequeno empresário, os empréstimos bancários continuam “caros e burocráticos” e concentrados nas regiões Sul e Sudeste (Sebrae apud Madi e Gonçalves, 2012, p. 34).

Portanto, mudar essas condições é um dos primeiros passos para tornar a mortalidade das MPE's menor e além disso, poder viabilizar a diversificação produtiva para essas pequenas estruturas.

Vemos então que a sobrevivência de uma empresa, seja ela de qualquer tamanho estrutural, depende de muitos fatores. Fatores esses que parecem não estar presentes no dia-a-dia das MPE's, concluindo no definhamento de algumas delas.

O que é muito apontado para se ter um asseguramento dessas empresas é a promoção de políticas públicas voltadas para elas, porém o que se coloca em debate é se esses empreendimentos podem proporcionar um desenvolvimento socioeconômico, pois somente assim que elas seriam merecedoras de receber algum tipo de incentivo. Para que possamos ter base para responder essa questão, será necessário averiguar alguns dados que serão postulados mais à frente.

Como levantado em um momento anterior, a desverticalização das GE's é mais uma força que está associada as MPE's. Ela se deriva da transmissão de pequenos processos produtivos, que outrora estavam sob a administração das GE's, para as empresas de menor porte. Esse processo tem um duplo caráter: 1) incentiva a criação de MPE's para atuar nessas atividades; e 2) para aquelas que já são existentes, constituem uma forma de continuar operando em um cenário de incertezas para esses pequenos capitais, tendo em vista que ao se aliarem a uma Grande Empresa se delineia uma boa estratégia para ganhar espaço no mercado.

[...] Assim, impulsionaram a abertura de maiores espaços aos pequenos negócios – por meio do processo de desverticalização, subcontratação, terceirização, franquias, parcerias, etc. –, aspectos importantes tanto para o aumento do número de empregadores como dos assalariados – com e sem carteira – no seguimento dos pequenos negócios. (Santos, 2012, p. 169).

É de extrema importância termos ciência disso, uma vez que o aprofundamento dessa questão será maior no quarto subcapítulo.

### 2.3. Participação das MPE's na economia brasileira

É notório a grande importância que essas pequenas estruturas empresariais têm para o conjunto da população, tanto no que diz respeito ao oferecimento de emprego, que como veremos mais adiante abriga uma remessa considerável de empregados, quanto nos bens e serviços que elas ofertam no mercado. A visualização de alguns dados podem confirmar tudo o que está sendo posto, e será a partir de ferramentas como tabelas e gráficos que se buscará fazer isso. Começemos pela Tabela 1.

**Tabela 1 – Participação das MPE's na economia do país (em milhões/%)**

	<b>Quantidade</b>	<b>%</b>	<b>Empregos</b>	<b>Remuneração Real</b>
<b>2006</b>	5,5	99,2	11,7	1.196
<b>2007</b>	5,6	99,1	12,4	1.221
<b>2008</b>	5,8	99,1	13,2	1.253
<b>2009</b>	6,0	99,1	13,7	1.298
<b>2010</b>	6,1	99,0	14,9	1.331
<b>2011</b>	6,3	99,0	15,8	1.374
<b>2012</b>	6,3	99,0	16,5	1.430
<b>2013</b>	6,6	99,0	17,0	1.485

**Fonte:** Anuário do trabalho das Micro e Pequenas Empresas 2014.



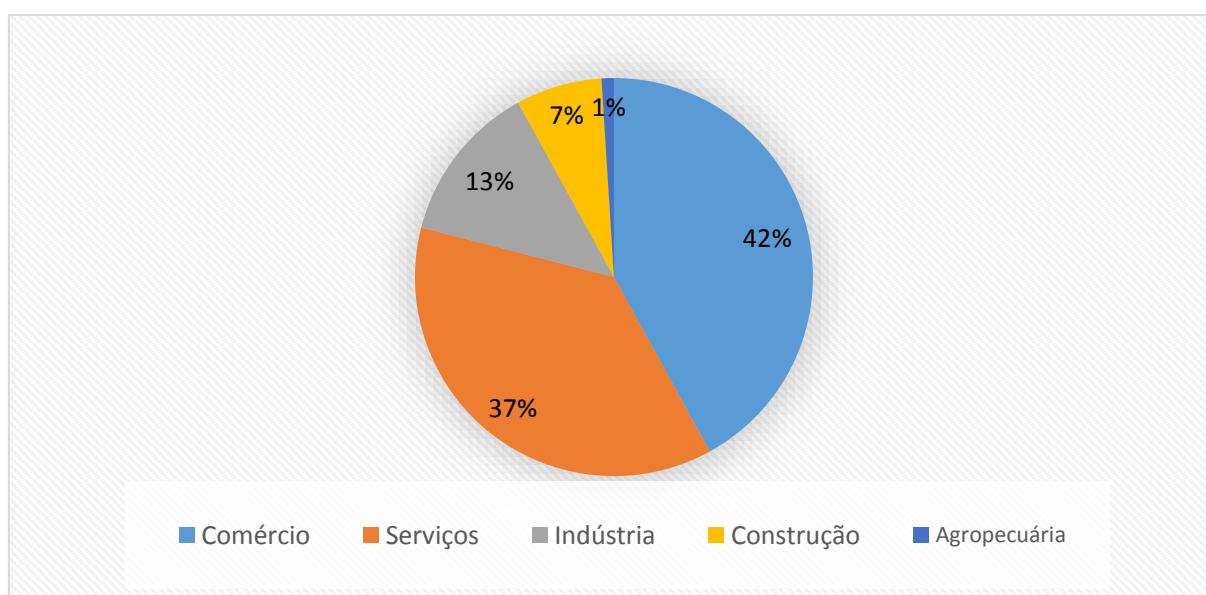
Antes de fazer considerações sobre a tabela apresentada, temos que ressaltar que o período em que os dados foram baseados, não é atual. Isso porque a última divulgação da fonte utilizada somente ocorreu no ano de 2014, e trata-se de uma fonte muito confiável que seria de grande enriquecimento usá-la para demonstrar alguns números. Porém, para o que queremos mostrar aqui, o lapso de tempo dos dados não será um empecilho. O objetivo é fazer um apanhado geral dos dados e não buscar mediante a eles fazer uma análise aprofundada.

Com o auxílio da tabela, podemos observar a grande importância que as MPE's tem na estrutura econômica do país. É claro, devemos lembrar que elas representam cerca de um quarto da produção do nosso país, ficando o restante por conta das empresas maiores. Contudo, visto as grandes dificuldades que elas têm, cujas algumas delas já foram evidenciadas, elas fazem até muito.

Em um todo, os dados confirmam os apontamentos feitos ao longo do texto. Concluindo sobre eles, se vê uma clara contribuição nos aspectos sociais, basta olharmos para as colunas que fazem referência ao número de empregos que as MPE's asseguram, mantendo uma média percentual de criação de empregos de 5,5% nesse período de 8 anos; e a coluna direcionada a remuneração real desses empregados, que se manteve em constante crescimento ao longo desses anos. Podemos agora responder a uma questão levantada anteriormente, a de que se as MPE's eram merecedoras de políticas públicas que pudessem dar maior sustentação a esses empreendimentos. Bom, esses dados são uma grande evidência de que elas são sim merecedoras de mais incentivos.

As MPE's estão distribuídas nos mais diversificados setores da economia, o que faz com que os bens e serviços disponibilizados por elas sejam os dos mais variados. O Gráfico 1 nos mostra em quais setores estão alocadas as MPE's.

**Gráfico 1 – Distribuição das MPE's por setor referente ao ano de 2016 (%)**



**Fonte:** Sebrae 2016.

O Gráfico 1 já é um pouco mais recente do que os dados da Tabela 1, mas, mais uma vez, o objetivo aqui não é fazer uma análise aprofundada mostrando todos os aspectos que fazem elas se concentrarem em tal ramo e ter menos em outro ramo.

No gráfico, temos a estimativa de como as MPE's se encontram divididas por setor. Há de considerar que a concentração delas está na área do comércio, não querendo aprofundar tanto mas isso pode estar associada com a característica desse ramo ser um dos que as barreiras à entrada são as de menor incidência.

A Tabela 2 vem ilustrando o crescimento, as falências e o resultado da diferença entre a primeira com a segunda. O objetivo é mostrar com base em números aquilo que foi apontado anteriormente com relação a mortalidade das MPE's.

**Tabela 2 – Nascimento, mortalidade e vegetação das MPE's**

Ano	Nascimento	Mortalidade	Vegetação
2009	508.918	173.255	335.663
2010	1.053.548	170.228	883.320
2011	1.193.130	168.578	1.024.552
2012	1.234.829	156.306	1.078.523
2013	1.388.456	140.849	1.247.607
2014	1.458.366	146.408	1.311.958
2015	1.639.061	581.671	1.057.390

**Fonte:** Empresômetro MPE. Disponível em: <<http://empresometro.cnc.org.br/Estatisticas#topo-empresometro-mpe>>.

Vemos que a quantidade de fechamento desses empreendimentos é considerável, assim como a abertura deles. Mas dando um enfoque maior para a mortalidade, estudos realizados pelo Sebrae, usando um período de dois anos, e pelo Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário (IBPT), usando um período de 5 anos, mostram que as taxas de mortalidade das MPE's podem chegar respectivamente em 24% e 45% em relação ao número de nascimento nos mesmos períodos.

Até aqui tentou-se passar como é que se dão os aspectos que estão evidenciados na dinâmica produtiva que envolvem as MPE's, desde sua aparição como pequeno capital até a sua “firmação” entre as grandes estruturas produtivas, muito presentes no cotidiano. Porém, essa é uma leitura rasa do assunto envolvendo a verdadeira importância das Micro e Pequenas Empresas na Sociedade Capitalista, rasa porque são muitas as questões que ainda não tiveram um maior interesse em serem desvendadas, a não ser pelos estudiosos do assunto.

A parte final deste presente artigo levanta algumas dessas questões, assim como tenta explicá-las usando uma base de caráter mais teórico.

## 2.4. Por que da permanência?

A partir daqui o presente artigo busca mostrar o que leva a contínua existência das MPE's em um sistema em que somente os mais fortes, pelo menos em tese, sobrevivem. Podemos notar no nosso cotidiano e pelo debate apresentado anteriormente, algumas vezes sendo comprovado por dados, que esse pensamento acaba por ser invalidado. Contudo, essa invalidação apresentada na prática tem por detrás todo um jogo de interesse por parte daqueles que ditam a dinâmica do Capitalismo, que são os grandes capitais.

Levantar alguns aspectos que fazem parte desse jogo de interesse por parte dos grandes capitais é o que delineia este subcapítulo.

Como já indicado antes, as MPE's apesar de cada vez mais terem uma grande participação na economia dos países subdesenvolvidos, caso do Brasil, fazem parte de uma estrutura de capital relativamente pequena ao ser comparada com aqueles que são os dominantes no sistema que estamos inseridos. A dinâmica capitalista se pauta em processos cuja concentração de capitais se faz de maneira intrínseca ao sistema, perpassando uma impressão da concorrência capitalista de forma “canibalística”. E é a partir dessas premissas particulares da dinâmica mencionada que surgem dúvidas a respeito da contínua presença dos pequenos capitais, ou seja, das MPE's nas economias capitalistas.

Acontece que a presença desses pequenos capitais cobrem muitos dos objetivos que os grandes buscam, e se encontram nesses objetivos o verdadeiro motivo de ainda presenciarmos muitas MPE's em pleno funcionamento entre as Grandes Empresas. Antes de dar ênfase a esses objetivos, podemos antes levantar que em se tratando de MPE's, o perigo que elas levam para as Grandes Empresas são quase inexistentes, se é que ele existe. Indicamos anteriormente que depois de seu funcionamento, as MPE's travam uma dura batalha para continuarem vivas no mercado. Então antes mesmo delas terem condições de proporcionar um risco para as Grandes Empresas, elas já morreram, ou estão à beira da morte. Obviamente que existem casos e mais casos de microempreendedores que estão em plena atividade há algum tempo, no entanto esses são poucos e que muitas vezes estão em uma posição privilegiada.

Pois bem, comecemos aqui a nos preocuparmos com o que leva a permanência das MPE's no mercado. Como primeiro motivo para isso temos que a aniquilação delas por partes dos grandes capitais não estaria cumprindo com uma das coisas que mais se transmite em questão do mercado, que esse ocorre de maneira livre e que nele se encontra um ambiente onde se tem espaço para todos que buscam compô-lo. Ou seja, do ponto de vista dos grandes capitais isso não é interessante, pois os privaria de serem acusados de formuladores de monopólio. Podemos confirmar essa afirmativa

com base em Steindl (apud Souza, 1995, p. 29) que diz: “A razão é que as grandes empresas tendo conseguido firma-se como líderes de preço teriam pouco a ganhar com a eliminação das pequenas empresas que respondem a uma pequena parcela da oferta total da indústria”. Souza (1995, p. 29) ainda completa: “A existência de um certo número de pequenas empresas poderia ainda ser útil em outros casos. Por exemplo, servindo de prova inconteste no caso da indústria necessitar defender-se de acusações de monopólio [...]”. Notemos aqui uma das formas que os grandes empreendimentos podem tirar vantagem dos pequenos, porém existem mais.

Em algum momento deste trabalho, levantamos como um das causas do nascimento das MPE's o processo de desverticalização das GE's, além de ter ficado a sugestão de um maior aprofundamento desse assunto posteriormente, que será feito agora. Retomando o que seria o processo de desverticalização, basicamente consiste em ser passado parte de algumas atividades essenciais, mas com o caráter de não requerer muito recurso, que compõem o processo produtivo de uma GE para empresas de menor estrutura. Movimento esse que visa a redução das plantas produtivas das GE's e conseqüentemente impacta de maneira contrária no aumento de seus custos. Sobre a desverticalização, Souza (1995, p. 29) menciona que

[...] A desverticalização de processos e partes que podem ser desenvolvidas em pequena escala é apontada como exemplo adicional do possível interesse das GE's em aceitar a permanência das pequenas empresas. Esse tipo de desintegração vertical aparentemente oferece perspectivas de novas oportunidades para pequenos empresários (como destacado por Marshall, por exemplo). Entretanto esses “subcontratados” – produtores ou distribuidores -, por serem parceiros pequenos e em grande número, em situação de barganha com poucas e grandes empresas, ocupam uma posição economicamente frágil e sua independência é, em grande medida, fictícia.

O processo de desverticalização pode ser feita de diversas maneiras que não cabe nesse trabalho explicitar todas, mas cabe citar algumas que estão em maior evidência nos dias de hoje. Uma das formas de desverticalização é o processo de subcontratação, caracterizado pela utilização de serviços de empresas constituídas ou de profissionais autônomos. O outro seria as famosas terceirizações, que têm uma definição muito parecida com a da subcontratação, sendo diferenciada pela especialização dos serviços prestados, em que nessa é de baixa especialização. Outra diferença aparente nas terceirizações ao comparar com a subcontratação é que os serviços da terceirização ocorrem nos estabelecimentos da empresa contratante do serviço a ser realizado.

A desverticalização é mais compreensível quando colocado que a escolha desse processo ocasiona a diminuição dos custos da Grande Empresa, proporcionando para os grandes empreendimentos condições de se atentarem para outras atividades que poderiam fazer com que elas mantenham a sua superioridade e espaço no mercado ou até mesmo alcançar maiores parcelas dele. Uma forma muito disseminada entre as GE's para conseguir isso é o investimento em Pesquisa e Desenvolvimento, o famoso P&D, auferindo graças a isso inovações econômicas, entrada em novos mercado, etc.

Por fim, como um outro incentivo em manter a presença das pequenas empresas em funcionamento é o de que elas sirvam de componentes da demanda dos bens e serviços produzidos e disponibilizados no mercado por todo o conjunto produtivo, fazendo a economia se manter em constante funcionamento. Isso vai muito ao encontro daquilo que foi desenvolvido nos primeiros subcapítulos do artigo, onde se buscou mostrar a promoção de emprego e renda que as MPE's proporcionam para seus componentes, pois é a partir dessa renda levantada que elas continuam investindo, consumindo e contribuindo para o funcionar da economia e, conseqüentemente, do sistema.

Dessa forma, desmascaramos toda uma propaganda que se dissemina o incentivo ao micro e pequeno empreendimento. Não se esquecendo que eles são o menor dos problemas e que muitas vezes tiram muitas pessoas da situação de desemprego, mas que por detrás de toda essa propaganda existem pessoas que estão interessadas em fazer deles um simples apêndice de seus planos.

### **3. CONCLUSÃO**

Conclui-se que a existência das Micro e Pequenas Empresas, tão chamadas ao longo deste trabalho de MPE's, exerce um papel fundamental na sociedade capitalista, ou melhor dizendo, exerce duplo papel fundamental.

É incondicional não reconhecermos que as MPE's podem promover em certa magnitude o sempre almejado desenvolvimento econômico. Mediante a dados apresentados neste artigo, vimos o quão importante elas são para o processo de geração de emprego e renda, e promoção de uma certa distribuição de renda para as classes menos favorecidas, além de disponibilizar mais bens e serviços para a sociedade. Vale também destacar que mesmo tendo essa característica promocional do sócio desenvolvimento, a “vida” delas não é fácil. A mortalidade desses pequenos empreendimentos é algo a ser melhor considerado, visto a grande importância que eles têm. Mesmo com todas as dificuldades de se manterem em pleno funcionamento, eles conseguem se superar, mostrando que com mais incentivo o retorno dado para o país poderia ser maior.

Por outro lado, não podemos nos esquecer que elas estão inseridas em um sistema que faz de tudo para se manter em plena atividade, nada mais do que racional. No entanto, a forma como se dá essa sobrevivência do sistema é de um caráter detestável e ocorre de maneira a maquiagem o verdadeiro motivo da existência de muitas coisas vigentes na sociedade. As MPE's não são uma exceção. No quarto subcapítulo deste documento tentou ser passado a verdadeira importância das MPE's para a sociedade capitalista, não que a importância desenvolvida nos primeiros subcapítulos seja desprezível, o de promoção do desenvolvimento econômico, mas que o principal motivo de sua

existência está pautado em servir de propaganda da existência de um mercado igualitário e de oportunidade para todos, de desenvolvedor de partes do processo produtivo com o fim de servir de apêndice da redução dos custos das Grandes Empresas, nossas tão citadas GE's, e por último executar parte da função do motor da economia, ou seja, constituir parte da demanda dos bens e serviços produzidos pela economia, economia dos grandes capitais.

A estruturação do trabalho foi estratégica no sentido de mostrar primeiramente o que as MPE's são capazes de fazer, muitas vezes tendo um cenário nada favorável contra elas, para que depois fosse usada de apêndice em nome de uma maior acumulação de capitais por parte dos grandes capitais. Não se quer com essa metodologia tomar partido da defesa das MPE's, sendo que elas também tem que atuar de forma capitalista para sobreviver, mas que se comparando com a atuação das GE's, elas são o menor dos problemas intrínseco ao Capitalismo.

Claramente que o debate das MPE's não se encerra por aqui, há muito do que ser desvendado sobre esse assunto, ou melhor dizendo, sobre qualquer assunto que diz respeito ao processo dinâmico da economia, pois é a partir dela que entendemos muitos dos fenômenos da nossa sociedade.

#### 4. REFERÊNCIAS

SEBRAE (2015). **Anuário do trabalho na micro e pequena empresa 2014**. São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Anuario-do%20trabalho-na%20micro-e-pequena%20empresa-2014.pdf>>. Acesso em: 10 de nov. 2016.

BRASIL. Lei Complementar nº 123, de 14 de dezembro de 2006. Institui o Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte; altera dispositivos das Leis nº 8.212 e 8.213, ambas de 24 de julho de 1991, da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, da Lei nº 10.189, de 14 de fevereiro de 2001, da Lei Complementar nº 63, de 11 de janeiro de 1990; e revoga as Leis nº 9.317, de 5 de dezembro de 1996, e 9.841, de 5 de outubro de 1999. *Diário Oficial da União*, Brasília, 15 de dez. 2006.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO. **Empresômetro MPE**. Brasília: 2014. Disponível em: <<http://empresometro.cnc.org.br/Estatisticas#topo-empresometro-mpe>>. Acesso em: 2 de nov. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE PLANEJAMENTO TRIBUTÁRIO (Brasil). **Causas de desaparecimento das micro e pequenas empresas**. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.ibpt.com.br/img/uploads/novelty/estudo/701/CausasDeDesaparecimentoDasMicrosEPequenasEmpresas.pdf>>. Acesso em: 29 de out. 2016.

MADI, Maria Alejandra C.; GONÇALVES, José Ricardo B. Produtividades, financiamento e trabalho: aspectos da dinâmica das micro e pequenas empresas (MPES) no Brasil. In: SANTOS, Anselmo Luiz dos (Org.); KREIN, José Dari (Org.); CALIXTRE, André Bojikian (Org.). **Micro e pequenas empresas: mercado de trabalho e implicação para o desenvolvimento**. Rio de Janeiro, 2012. 232 p. disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livros/livro\\_micro\\_pequenasempresas.pdf](http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_micro_pequenasempresas.pdf)>. Acesso em: 29 de set. 2016.

MELLO, João Manoel C. **O capitalismo tardio**: contribuição a revisão crítica da formação e do desenvolvimento da economia brasileira. São Paulo. 8. ed: Brasiliense, 1991. 178 p.

PINHO, Luiz Felipe de O. **Micro e pequena empresa**: conceito e importância para a economia. Rio Banco: 7 p, 2011. Disponível em: <<https://lfop.files.wordpress.com/2011/04/mine-ensaio.pdf>>. Acesso em: 15 de out. 2016.

SANTOS, Anselmo Luiz dos. Trabalho informal nos pequenos negócios: evolução e mudança no governo Lula. In: SANTOS, Anselmo Luiz dos (Org.); KREIN, José Dari (Org.); CALIXTRE, André Bojikian (Org.). **Micro e pequenas empresas**: mercado de trabalho e implicação para o desenvolvimento. Rio de Janeiro, 2012. 232 p. disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livros/livro\\_micro\\_pequenasempresas.pdf](http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_micro_pequenasempresas.pdf)>. Acesso em: 29 de set. 2016.

SEBRAE, internet site: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/> acesso em: 14 de out. 2016.

SOARES. Marcos Antônio T. **Trabalho informal**: da funcionalidade à subsunção ao capital. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2008. 152 p.

SOUZA. Maria Carolina de Azevedo F. **Pequenas e médias empresas na reestruturação industrial**. Brasília: Sebrae, 1995. 257 p.